

ENTREVISTA COM EDWARD LOPES

INTERVIEW WITH EDWARD LOPES

Maria Lúcia Vissotto Paiva DINIZ¹

Jean Cristtus PORTELA²

Resumo: Entrevista com Edward Lopes ao então Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação (GESCom), da Unesp de Bauru para integrar o projeto “Greimas no Brasil”, voltado à reconstrução da história da semiótica brasileira a partir da perspectiva da primeira geração de semioticistas do Brasil sobre a vinda de Greimas ao país em 1973 e a sua atuação como ministrante do curso “Semiótica da narrativa”, a fundação do Centro de Estudos Semióticos “A. J. Greimas” (CESAJG) e da revista *Significação*, e o papel desses pesquisadores na divulgação das obras greimasianas mediante tradução de seus escritos. A conversa com Lopes revela o percurso acadêmico que o levou a conhecer Greimas e trazê-lo ao Brasil, bem como aspectos concernentes à atuação do entrevistado como professor, pesquisador, fundador de programa de pós-graduação e autor de obras que contribuíram para o estabelecimento dessa disciplina em território brasileiro.

Palavras-chave: Centro de Estudos Semióticos. Revista *Significação*. Algirdas Julien Greimas. Edward Lopes. História da semiótica.

1 Professora aposentada da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru/SP. E-mail: mlvissotto@uol.com.br

2 Professor do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP. Pesquisador do CNPq. E-mail: jean.portela@unesp.br

Abstract: This interview with Edward Lopes was part of the “Greimas in Brazil” project, aimed at reconstructing the history of Brazilian semiotics from the perspective of the first generation of semioticians in Brazil, about Greimas’s arrival in the country in 1973 and his work as a lecturer on the “Semiotics of Narrative” course, the founding of the “A. J. Greimas” Center for Semiotic Studies (CESAJG) and the journal *Significação*, and the role of these researchers in disseminating Greimas’s works through translations of his writings. The conversation with Lopes reveals the academic path that led him to meet Greimas and bring him to Brazil, as well as aspects concerning the interviewee’s work as a professor, researcher, founder of a postgraduate program and author of works that contributed to the establishment of this discipline in Brazil.

Keywords: Semiotic Studies Center. *Significação* Journal. Algirdas Julien Greimas. Edward Lopes. History of Semiotics.

1. Entrevista com Edward Lopes³

Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz: Professor, antes de falar sobre como a Semiótica chegou ao Brasil, fale um pouco sobre como surge o seu interesse por Saussure.

Edward Lopes: Saussure morreu quando começou a ter alguma ressonância, porque ele viveu uma vida verdadeiramente meio obscura. De fato, um gênio extraordinário. Por exemplo, com quinze anos, ele conseguiu se situar nos parentescos da língua basca, que até então não tinha família. Sei que a vida de Saussure me encantou. Observei que tinha aspectos que ninguém revelava e acabaram me levando a investigar se ele tinha relação com as raízes do formalismo russo. E qual a ligação de Saussure com o formalismo russo? Para mim, foi por meio do Chklovski, que participou da fundação do Círculo Linguístico de Moscou, fundado pelo Jakobson, e que funcionou com cerca de cinco ou seis linguistas, na sala de visitas da casa de Jakobson, do pai do Jakobson.

M. L. V. P. D.: Então o senhor acredita que Chklovski teve essa intenção?

E. L.: Ah, teve, com certeza. Porque o Jakobson, até denunciou isso no livro *A palavra e os dias. Ensaios sobre a teoria e a prática da literatura*, sempre deu a entender que não se importava muito com Saussure e que o caminho dele era diferente. Não é inteiramente verdade. Na primeira reunião que eles fizeram no Círculo Linguístico de Moscou, o Trubetzkoy esteve presente. E, nos princípios de fonologia dele, o livro *Principles of Phonology [Fundamentos da fonologia]*, tem uma nota de rodapé que fala das teorias do Círculo Linguístico de Moscou. E ele diz que, em determinado momento dos debates que estavam acontecendo naquele grupo, o Chklovski tinha se levantado e defendido Saussure muito ardorosamente. Li o livro em inglês. Ele dizia que a discussão pegou fogo.

3 A revisão do conteúdo transcrito a partir de cassetes sonoros foi empreendida por Flavia Karla Ribeiro Santos, pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp de Araraquara/SP.

M. L. V. P. D.: Ficou acirrada.

E. L.: Ficou acirradíssima, entre ele e o Jakobson, precisamente. Porque o Chklovski começou a defender as teorias de Saussure com relação ao fonema. Saussure é, na verdade, o primeiro que define o fonema. Embora não utilize o nome fonema ainda. Ele não fala em fonema. Quem fala em fonema é um sujeito totalmente obscuro de que leu a comunicação no Círculo Linguístico de Paris, na Associação Linguística de Paris da qual Saussure era membro; era secretário, aliás. Era ele quem levava as coisas para publicar, entre outras tarefas. Saussure assistiu, achou o nome bom, anotou e começou a usar. Não foi ele quem inventou como muita gente pensa. Ele ouviu esse sujeito e depois definiu fonema como diferença de traço de sentido. A discussão foi por isso. O Chklovski negou certos pontos colocados em debate porque tinha acabado de voltar de Paris, onde tinha assistido aos cursos de Saussure. Foram três cursos, que acabaram produzindo o *Curso de Linguística Geral*: o primeiro foi em 1908 e o último, de 1911 para 1912. E foi em um desses períodos que o Chklovski ouviu Saussure falar de fonema. Saussure não teve muitos alunos nessa época. No total, ele teve 106 alunos. E o Chklovski o seguiu, me parece, nos três cursos, de maneira que, certamente, sabia que estava no lugar em que existiam novidades extraordinárias.

M. L. V. P. D.: Ao mesmo tempo, Saussure parecia ter receio de escrever. Ele chegou a descartar alguma contribuição que seria importante?

E. L.: Ele tinha muito receio, li nos fragmentos dele. Saussure tinha um baú onde jogava tudo o que escrevia e não sabia como aproveitar. Tinha uma ideia, escrevia e jogava lá dentro. Tive contato com alguns. Boa parte daqueles textos está catalogada em Genebra mesmo. Estive com alguns em mãos. Ficava bobo de ver. Por exemplo, um deles dava a noção de função, que faz uma revolução na narratologia, com Propp.

M. L. V. P. D.: As funções do Propp?

E. L.: Mas Saussure deu o nome de função para o fazer do personagem, como usamos hoje na Semiótica, e em um trabalho de 1908, ou seja, com 20 anos de antecedência sobre Propp. Em Propp, há o interesse em trabalhar a função como invariante na narrativa, enquanto, para Saussure, não. Saussure trabalha a função como dinâmica; mais na linha do tempo de Greimas, que só ia se desenvolver nos anos 1960, de 1965 em diante. Greimas faz a revelação em 1968.

M. L. V. P. D.: Em que ele coloca as três possibilidades.

E. L.: Ele coloca duas.

M. L. V. P. D.: Ou faz ou não faz.

E. L.: Isso. Só isso. Eu que defendia que devia aplicar ao quadrado semiótico e, portanto, você teria seis. Sempre defendi isso. Pois é, ele já coloca isso e com relação à narrativa. Isso que é curioso.

M. L. V. P. D.: De vanguarda, não é?

E. L.: Lembro-me até de que Saussure diz que a função não é uma invariante. Tomemos como exemplo o nome de um personagem. Ele afirma que pode ser uma função. Então diz, ao acaso: Eis um nome: Títeres. Se eu quiser circular esse nome entre cinco ou seis pessoas contando um caso, essas pessoas irão acrescentando traços diferenciais umas das outras que, no fim, se formos conferir, vamos ver que temos dois Títeres completamente diferentes. E está aqui a noção da dinâmica narrativa do conhecimento da figura, do processo de climatização com que Greimas trabalhou. Preenchimento exaustivo da figura inicial. Ele tinha noção disso.

M. L. V. P. D.: Ele foi uma mente realmente...

E. L.: Ele foi extraordinário nisso, não é? Ele me dava oportunidade, e eu ficava muito feliz de reconhecer isso.

M. L. V. P. D.: Em que década você esteve lá?

E. L.: Na primeira vez, em uma viagem completamente maluca, em 1973, primeira vez que fui à França. Por que maluca? Porque, naquele ano, Nicolau Spinelli, diretor da faculdade onde eu trabalhava, a Barão de Mauá, chegou um dia para mim, na sala dos professores, num intervalo de aula, e disse que tinha estado em Paris e falado com um amigo meu lá, alguém que eu citava muito. Perguntei quem era, porque, na ocasião, eu não tinha amigo em Paris. E ele respondeu que tinha falado com o “professor Greimas”. Mas, para mim, Greimas não sabia da minha existência. Por isso o esclareci que ele não poderia ser meu amigo, já que não me conhecia, embora eu tivesse uma admiração enorme por ele. Mas ele disse que eu estava enganado, pois foi visitá-lo em seu apartamento.

M. L. V. P. D.: Quem é ele?

E. L.: É o reitor atual da Barão de Mauá. Ele disse que estava no hotel em Paris, sem fazer nada, pegou a lista telefônica e, ao acaso, abriu na página da letra “g”. Então viu o nome de Greimas e se recordou que eu, aqui, na hora do intervalo de recreio, e mesmo com meus alunos ou conversando com ele, muitas vezes havia citado Greimas, dito que ele era de outra área, tinha trabalhado com egiptologia e tal. Então decidiu que, embora não soubesse quem Greimas era, iria visitá-lo, se pudesse, e nos fazer uma surpresa.

Naquele tempo, a Mauá já estava no auge, tinha oito ou dez mil alunos, não sei. Saía dinheiro “pelo ladrão”. E eu era um dos que indicavam os professores para ele. Eu trouxe metade da USP para cá naquela ocasião. Da Unesp também, eu trouxe um monte de gente. Foi aí que começou a completar o grupo, através da Mauá.

Bom, ele chegou e me disse que visitou o Greimas no apartamento dele e citou o meu nome. Então ele se levantou, foi à estante e pegou dois trabalhos meus. De fato, o Nicolau citou o nome de um trabalho que eu tinha feito e tinha sido mencionado por Greimas. Naquela época, publicávamos na Unesp mesmo. Na revista de Letras de Assis, publicava-se um artigo e ganhava seções separadas. Peguei uma dessas seções separadas e, muito bobamente, mandei ao Greimas. Pensei que não ia nem olhar aquilo. Se não me falha a memória, era um estudo sobre um obscuro romancista equatoriano. Autor de um romance que ninguém leu. Mas eu tinha escrito sobre ele.

M. L. V. P. D.: Estava em que idioma, em espanhol?

E. L.: Estava em espanhol e Greimas lia espanhol.

Jean Cristtus Portela: O senhor enviou-lhe o artigo em que ano?

E. L.: Isso foi, provavelmente, em 1970, por aí, 1971. Bem, o fato é que ele tinha e me conhecia. Por que que o Nicolau Spinelli, o diretor, fez isso? Porque queria contentar o homem e achou que, se desse uma referência de alguém que o conhecia aqui, e fosse conhecido dele também, provavelmente, ele viria. Ingenuidade dele propor ao Greimas vir para cá, que disse que não viria, que estava saindo do curso em julho, arrebatado. Disse que tinha proposta dos Estados Unidos, que pagariam uma fortuna em dólar e não poderia vir, estava cansado. Também tinha proposta de ir à Alemanha de novo, dar outro curso, e os próprios cursos em Paris, então não poderia vir. Essa visita dele [Nicolau] ocorreu em abril e ele queria trazer Greimas em julho, para dar o curso de férias. Ainda argumentou que estaríamos de férias no Brasil, que Greimas daria o curso e seria muito bem remunerado. Mas não entrou em acordo. Então, na viagem de volta, ele teve a ideia de me levar lá para conversar com o Greimas e, quem sabe, convencê-lo. Então propôs isso: "Vou te levar a Paris". Eu respondi que ele era maluco. Se me virasse de cabeça para baixo, não caía um tostão, eu não tinha dinheiro para a viagem, era um professor dele e ganhava mal.

M. L. V. P. D.: Já pagavam mal naquela época.

E. L.: Pois é. Ele argumentou que eu não teria que pagar nada. Diante disso, respondi que se ele também pagasse as aulas que eu teria que dar nesse período, iria. A resposta foi: "Vamos lá". E, de fato, vocês não acreditam, mas, naquela época, levava 20 dias para tirar o passaporte. Saímos no dia seguinte. Ele queria partir para a França no domingo. Antes disso, na sexta-feira, queria ir a São Paulo para arrumar as coisas necessárias à viagem.

J. C. P.: E embarcar no domingo?

E. L.: E embarcar no domingo. Quer dizer, passaporte demorava 20 dias para tirar e eu não tinha passaporte. Sei que viajamos em maio, com certeza. Estava fixado, mais ou menos para mim, como 13 ou 19. Provavelmente 19 de maio. O fato é que eu não acreditava. Mas

nós fomos [a São Paulo] de manhã, na sexta, quando peguei meu passaporte. Em Paris, fiquei em hotéis que nunca fiquei na minha vida, numa suíte espetacular, parecia coisa de cinema. Ele pagou tudo. Da minha parte, entrei em contato com o Greimas e marquei a entrevista com ele na segunda-feira (nós fomos no domingo). Greimas trabalhava na Escola de Altos Estudos, e lá conversei com ele. Mas não foram minhas recomendações que o convenceram. O que realmente fez com que se “decidisse” foi a mulher dele.

M. L. V. P. D.: Teresa.

E. L.: Não, a anterior.

M. L. V. P. D.: A primeira mulher?

E. L.: Eles precisavam de dinheiro e a mulher era muito prática. O Nicolau levou uma mala com cinco mil dólares e largou em cima de uma mesa do escritório do Greimas. Disse que o Greimas estava recebendo aquele valor e que, no Brasil, teria um carro à disposição, com um motorista. Também receberia duas passagens de ida e volta, na primeira classe, podendo levar o acompanhante que quisesse. Então o Greimas falou que levaria uma filha que falava português – não cheguei a conhecê-la – e depois ele iria à Bahia. As razões eram malucas. Ele queria comprar apitos.

M. L. V. P. D.: Excentricidades.

E. L.: Ele também queria assistir a um ritual de corpo fechado, que o levei para fazer aqui.

J. C. P.: Que idade ele tinha?

E. L.: Ele tinha uns 46 anos, mais ou menos. Era moço ainda. E, depois, queria conhecer Brasília, o Rio de Janeiro e São Paulo, é claro.

J. C. P.: E o nome da mulher dele era...

E. L.: Ah, não lembro mais. Tenho nos livros aí, por exemplo, algumas cartas que ele me mandou, e tudo. Ele fala no nome dela, mas agora não localizo. Estou com os livros empacotados ainda; não tirei da viagem.

M. L. V. P. D.: Da última viagem?

E. L.: É, não desempacotei. Lembro que ele fala dela numa carta; uma carta muito bonita. Ele e a mulher recebendo um fax lá em Marrocos, ou Istambul, não sei. Marrocos, sim. E ele dizendo ao Barthes, na hora de se despedir – o Barthes estava muito triste, ia ficar sozinho – “É preciso irmos a Paris, não dá para ficar aqui”. Os dois tinham os planos mais malucos. E, de fato, no ano seguinte, os dois foram, mais ou menos juntos. Parece que foi o Barthes que cedeu as primeiras aulas ao Greimas. Então ele começou a trabalhar e se firmou.

Bom, foi assim: ele veio, deu o curso aqui em julho. O curso foi extraordinário. Tive grandes professores na minha vida – fui aluno do Jakobson, que eu admirava muito e tive aula com um português extraordinário.

J. C. P.: Foi à visita do Jakobson em 1968, 1969?

E. L.: Estive com ele também na USP. Nessa aula que o Haroldo [de Campos] botou até um poema do Drummond para ele analisar na lousa. Deu uma demonstração mais ou menos improvisada para quem não falava português. Também tive um professor que era extraordinário. Acabou morrendo nos Estados Unidos. Melhor dizendo, foi o primeiro que me quis como...Não. Foi o segundo que me quis como professor. Naquele tempo, você convidava seu aluno, que considerasse brilhante, para ser seu assistente. E eu estava no segundo ano de Letras, porque fiquei 11 anos na faculdade. Fiz todo tipo de matéria, o que vocês pensarem em área de humanas, teatro, filosofia. Fiz direito, línguas anglo-germânicas, neolatinas. Em quatro anos de tudo o que era para fazer, acabei ficando 11 anos na universidade. Por exemplo, o curso que terminei em Rio Preto: tínhamos cinco professores, pois o resto tinha sido preso. O golpe de 1964 prendeu todo mundo de um dia para o outro. E tínhamos professores fabulosos, que até hoje estão aí. Havia um cara que dava aula em latim, era capaz de fazer um negócio desse, o Maurício, uma cabeça extraordinária. Tinha aula de cultura brasileira, naquela época, na escola. Valia a pena. Em compensação, tínhamos outros professores que não. Por exemplo, eu nunca consegui aprender alemão na escola. Uma das razões de eu ir à universidade foi para aprender alemão muito bem. Dois meses depois de eu ter chegado lá e estar no primeiro ano, eu dava aula para a turma que estava no quarto ano, que sabia menos do que eu. Tinha um professor alemão lá, um nazista fugido da guerra que não sabia latim, não sabia nada. Não sabia ensinar. Falava tudo em alemão e era um alemão horrível – era um alemão prussiano e que ninguém entendia. A universidade era muito diferente de hoje. Por isso tudo, Greimas veio e deu um curso que reuniu umas 20 a 25 pessoas. E chamei a maioria dos professores. Fui eu que convidei.

J. C. P.: Era um curso de especialização?

E. L.: Não. O que Greimas se propôs a dar foi o seguinte: ele estava escrevendo um livro, que veio a ser depois o *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos*. Mas, a princípio, estava analisando *O Pequeno Polegar*. Ele estava organizando a teoria narrativa propriamente dita, e disse que traria esse curso para nós. Ele não quis saber que nível tínhamos. Lá na França, ele me perguntou qual era o nosso nível. Até me testou: “O que é que vocês estão lendo lá?”. Quando falei quem era o pessoal que líamos, ele disse: “Bom, é o pessoal que lemos aqui”.

M. L. V. P. D.: O que que vocês estavam lendo? Ele já tinha publicado o *Semântica estrutural, lógico*.

E. L.: O que nós tínhamos? Como que entrou Greimas aqui? O primeiro leitor de Greimas fui eu. Ou, senão, foi o Antonio Candido, porque me lembro exatamente que ele não era da área, evidentemente, era da Teoria da Literatura. Era professor da USP, veio me receber e perguntei o que é que ele tinha para me dar. Ele respondeu: “Tem isso, isso, isso” – e me mostrou várias coisas. De repente, ele pegou o livro do Greimas. Disse que tinha recebido só dois exemplares e reservado um para mim. Também disse que tinha lido, mas não tinha gostado de tudo.

M. L. V. P. D.: Nem o Greimas gostou.

E. L.: O Greimas não gostou. Foi o editor que deu [o título]. Foi uma besteira. Mas o que ocorreu? Ele [o Antonio Candido] disse: “Leia” – e comecei a ler. Naquela época, eu estava me desligando da USP, um daqueles cortes que faziam periodicamente, os listões que saíam da USP. Em um deles, saí. Ficou uma briga por causa da cadeira. Esquerda contra direita, não sei o quê, e a direita ficou. Eu não tinha nada de ver com a coisa na verdade, mas quem não quis dizer que era de direita acabou sendo dispensado.

M. L. V. P. D.: Um mês de Greimas aqui?

E. L.: Um mês inteiro. Ele dava aula de manhã até à noite. Fazíamos um intervalo, almoçávamos ao meio-dia, voltávamos às 14h, seguíamos até às 18h. Geralmente, eles ficavam um pouquinho, até às 18h30, 19h. Não era muito depois das 18h, mas ele fazia isso.

J. C. P.: Com início no começo de julho?

E. L.: É, de julho, primeiro dia do mês.

M. L. V. P. D.: Foi no mês de férias.

E. L.: Foi no mês de férias todinho. Ficamos em uma sala, onde coube todo mundo. Foi feita uma espécie de mesa-redonda. Ele quis ficar sentado para ler, porque tinha as suas anotações, um quadro meio enrolado. E ali que ele nos revelou, pela primeira vez, coisas como o quadrado semiótico, que achei uma maquineta interessante. Isso. Era uma maquineta, não passa disso. Você põe carne de um lado e sai linguiça do outro. Não dei muita importância para aquilo. Mas, de repente, comecei a perceber que aquilo era mais profundo um pouco, porque tinha tudo a ver. Eu estava já, naquela altura, convicto de que alguém não poderia fazer curso de Semiótica nem de Teoria da Literatura sem uma noção, sem uma teoria que contemplasse níveis. Não era possível fazer Linguística e fazer Semiótica, estudar, digamos, Ciências Humanas, sem pegar uma teoria de níveis. E justamente o que o quadrado semiótico fazia era isso: pegar um terceiro ou um segundo nível, porque o número de níveis pode variar. Não precisamos fazer questão do nível em que colocar, ou fazer aqueles diagramas do Chomsky.

J. C. P.: A representação gráfica não é exata.

E. L.: Não é exata, evidentemente. Então é preferível ir ao Tesnière, se for para voltar a fazer um gráfico por estemas, por galhos, que é muito mais coerente.

J. C. P.: Ele veio com quem, professor?

E. L.: Greimas veio sozinho. Submeteu-me uma lista enorme, com perguntas do tipo “O que é que se usa no Brasil?”, “Que tipo de terno se usa?”, “Usa-se terno ou não?”, “O terno é de casimira, do que que é?”. Eu disse “O senhor vai do jeito que quiser”.

M. L. V. P. D.: Mas acho que era em função da temperatura, talvez.

E. L.: É, em função da temperatura. Ele era disso.

J. C. P.: Ele era muito metódico?

E. L.: Muito metódico. A nossa conversa, às vezes se resumia em: “Usa-se gravata?”. “Se o senhor quiser; se não quiser, não use”. “Não. E se formos a um ambiente mais requintado?”. Estava claro que ele não tem ideia de como é no Brasil. Quando soube que Ribeirão fica a 320 quilômetros de São Paulo, mas que ele iria pousar no Rio de Janeiro, que fica a 400 quilômetros de São Paulo, exclamou: “Você está brincando comigo. Tem 700 quilômetros do Rio até onde vou dar aula. Com 700 quilômetros, você atravessa a França!” Era assim, uma escala de coisas. Então ele ficava muito surpreso e estranhava muito isso. Mas veio, deu um curso estupendo, sem dúvida nenhuma. O nível da turma era muito bom. Chamei todos os meus amigos, entre eles, o Ignacio [Assis Silva], de quem ele gostou muito. Gostou muito do Ignacio. Estava o Eduardo [Peñuela Cañizal], que também se saiu muito bem; o Cidmar [Teodoro Paes], que já falava um francês primoroso.

M. L. V. P. D.: Falava francês sem sotaque?

E. L.: Exatamente. Estavam a Maria Aparecida Barbosa, a Diana Luz Pessoa de Barros, o Alceu Dias Lima, a velha geração, a primeira geração.

J. C. P.: O [Jesus Antonio] Durigan estava?

E. L.: Estava.

J. C. P.: Tieko [Yamaguchi Miyazaki]?

E. L.: Estava.

J. C. P.: [Luiz Gonzaga] Marchezan?

E. L.: Não, essa já é segunda geração. São nossos discípulos, não conheceram Greimas. Bem, estava um grupo de professores dos mais variados lugares. Havia uma professora de Goiás. Não me recordo do nome dela. E me parece que até a Eni [Orlandi] da Unicamp estava, ou pelo menos assistiu uma ou duas aulas. Enfim, tinha gente muito boa. E o curso deu certo. Era uma forma de apresentação de trabalho totalmente nova. Greimas era um sujeito que tinha uma facilidade extraordinária de passar de um tema para outro.

Vocês têm uma pergunta aí, que notei, se entendi bem, é sobre a pergunta que nós fizemos, o Ignacio e eu, a ele. Na verdade, fui eu que falei. Ouvindo uma explicação do Greimas, fiz uma associação por metáfora e escrevi um bilhete. O Ignacio estava do meu lado. Fiz um bilhete em francês mesmo e passei ao Ignacio. Ele olhou e concordou. Não me lembro se ele acrescentou uma linha. Então peguei o bilhete e passei ao Greimas, porque ele não gostava de ser interrompido. Para minha surpresa, ele não respondeu ao bilhete, colocou-o no bolso do paletó. No outro dia, uma nova surpresa: ele começou a aula respondendo à pergunta. Isso mostra o seguinte: ele passava as noites estudando. Depois, os garçons do hotel me contaram que estavam todos espantados com a figura estranha de Greimas, porque ele era um homem que ficava de cuecas à noite toda, acordado com todas as luzes acesas e, de meia em meia hora, pedindo água. Bebia tanta água que parecia um chafariz. E pedia água, água, água, e sempre falando sozinho, resmungando, escrevendo, levantando-se. Não dormia.

J. C. P.: A que horas começava o curso?

E. L.: Começava às 8h, 8h30, 9h. Na hora do curso, estava alegre, como sempre. Apesar de fumar um cigarro pavoroso. Fumei 30 anos. Aquele cigarro dele, eu não aguentava. E estava lépido no dia seguinte, como se tivesse dormido muito bem. Mas o que me impressionou, estou contando isso em pormenor porque me impressionou, foi a seriedade com que ele levava o curso. Embora pudesse dizer tudo aquilo que disse na aula que virou o segundo artigo dele na revista⁴, porque foi uma aula magistral sobre metáfora, nada daquilo foi dito aleatoriamente. Tenho absoluta convicção de que ele daria a mesma aula para o grupo de Paris.

J. C. P.: A mesma pergunta serviu para ambos?

E. L.: Exatamente. Por isso ele não respondia num primeiro momento. Tínhamos a ingenuidade de novatos. Afinal de contas, eu havia lido o *Semântica estrutural* há muito pouco tempo e fui o primeiro, como disse. Então passei ao Eduardo, pois, naquela época, eu tinha saído da USP, ia para Assis. Lecionei um ano. Fiz um concurso quando saí da USP.

M. L. V. P. D.: Você não foi em 1968?

4 Edward Lopes refere-se ao artigo "Métaphore et isotopie", publicado no n. 3 da revista *Significação*, em 1982.

E. L.: Estive na USP em 1967, 1968. No baile de 1969, já saí – metade do ano. Depois me vi na rua de uma hora para outra, com uma família nas costas. Foi quando escrevi aos meus amigos do interior dizendo que queria voltar para o interior. Então me puseram para prestar um concurso. O Rolando Morel Pinto, que era diretor em Assis, queria que eu fosse para lá dar Literatura Hispano-americana, Literatura Espanhola e Língua Espanhola. Estava sem professor lá. Depois, um amigo de Araraquara me inscreveu para que eu lecionasse Cultura Brasileira. Não era da minha área, mas queria que eu tentasse. Era um concurso que estava aberto. E fiz. Em Franca, fiz outro de Linguística. Ao final, tive que escolher, porque peguei tudo isso aí. Só não peguei Cultura Brasileira, em que fiquei em segundo lugar. Quem pegou o primeiro foi o Bandeirinha.

M. L. V. P. D.: Quem é o Bandeirinha?

E. L.: É o Bandeira de Mello. O primeiro nome dele, não me lembro mais. Era da turma do Otaviano e do Pinto Prado, desse grupo que também trabalhou conosco na Barão de Mauá. Eu estava indo para Assis e me lembro que levei esse livro do Greimas para ler na viagem, que era muito monótona, muito chata.

M. L. V. P. D.: Isso era meio de 1969?

E. L.: Era 1969. Eu lia esse livro e comecei a marcar a lápis. Assinalava. Quando me dei conta, o livro todo estava assinalado. O livro me surpreendeu muitíssimo. Por quê? O que se fazia no *Semântica* não tinha nada parecido. Eu estava medianamente informado sobre o que se fazia. E aquilo era uma novidade absoluta na área. Hoje, quem lê, não consegue reconstituir o clima da época e pensa que há uma continuidade.

M. L. V. P. D.: Foi realmente um marco.

E. L.: Isso era um marco, na verdade. E eu achei muito esquisito. Disse para o Cañizal lê-lo também. Fazia questão que ele lesse, para ver os pontos de vista extremamente curiosos presentes no livro. Ele não queria saber de Linguística. O negócio dele era [literatura] hispano-americana. Mas insisti que deveria ler. Trabalhávamos juntos. Argumentei que ia servir inclusive para trabalharmos literatura. Então ele concordou, e também gostou tanto que ficou com o meu livro. Sei que depois perdi esse livro sucessivamente três vezes. Sempre lia indo para Assis e esquecia na poltrona. Fui o primeiro que realmente leu aquilo com interesse.

M. L. V. P. D.: Todas as pessoas que participaram do curso já tinham essa leitura? O que eles tinham lido?

E. L.: Não. O Ignacio tinha, porque o Cañizal passou para ele. E eu também. O negócio do Ignacio, naquela época, por exemplo, era latim. Ele foi professor de latim, inclusive. E, aliás, péssimo professor de latim. Não que ele não soubesse. Era aquele tipo de professor de latim chato, porque, vamos supor, fazia uma referência a uma construção latina e

falava a aula inteira – “Foi construída”, “Tinha tantos quilômetros”, “Foi construída no ano de tanto e não sei o quê, pelo Imperador”. E o que é que me interessa isso? E eu com isso? Esta era a preocupação que não levava a nada. Você não via objetividade naquilo. Então o Ignacio começou a mudar quando pegou Linguística, logo naquele momento. A essa altura, já estava interessado em ler o *Semântica*.

M. L. V. P. D.: Onde ele estava?

E. L.: Estava em Rio Preto.

M. L. V. P. D.: Ele dava aula de latim em Rio Preto?

E. L.: Sim. E depois eu e o Eduardo o convencemos a trabalhar com pintura, porque ele não trabalhava com pintura até então, não sabia nada de pintura. E nós já trabalhávamos, porque fazíamos programas lá em São Paulo, na USP. Reuníamos todos os nossos alunos na sala e fazíamos um programa, por exemplo, sobre pintores espanhóis barrocos. Eu mesmo fiz um programa sobre Velásquez, que tinha duas horas de duração. Então estudávamos a fundo para ensinar os alunos. Analisávamos as telas, essa coisa toda. Um dia o Ignacio viu esses programas e começou a gostar. Começou entrar por aí, é como ele vai aparecer, porque entrávamos pelos desvios e, de repente, um pensava mais em uma coisa e o outro noutra. Eduardo passou para cinema. Trabalhei com cinema um pouco de tempo, porque, apesar de sair da USP, a ECA sempre me chamou para dar aula na pós. E fiz isso até a década de 1980. Até que, um dia, não aguentei mais e larguei. Parei porque não tinha nada para continuar.

J. C. P.: Diana e Tiekó, elas estavam...

E. L.: A Tiekó foi minha professora também em Rio Preto. Apesar de bem menina, e eu já era mais velho que ela. Como fiquei esses 11 anos nessa Universidade – o último curso que fiz foi em Rio Preto; foi lá que me formei – ela foi minha professora de [Literatura] Brasileira. Antes de Brasileira, ela deu Literatura Hispano-americana, com o Eduardo. Ela foi assistente do Peñuela. Depois ele foi para a ECA, na USP, e ela ficou meio deslocada, acabou indo para Brasileira, com o Fernando de Carvalho, que estava em Assis até pouco tempo. E a Tiekó nunca se comprometeu integralmente com o grupo. Sempre ficou meio *outsider*. Mas sempre manteve vínculos. A Diana era aluna dela. Ouviu dela, portanto, alguma coisa de Semiótica. Ela se empolgou com a Semiótica. E ouviu alguma coisa do Eduardo. Eu me lembro do ano em que o Eduardo me falou que tinha dois alunos excepcionais e precisava de ajuda para aproveitá-los. Um deles era o Jesus [Antônio Durigan] e o outro era a Diana [Luz Pessoa de Barros]. Ele não sabia qual dos dois era melhor. Então perguntou se eu poderia arrumar qualquer coisa para eles. Naquela época, a Barão de Mauá me ouvia para contratar as pessoas, pois fui o primeiro professor da USP que chegou aqui, o primeiro professor que tinha doutoramento, e da USP, e o primeiro professor que veio falar de estruturalismo, de renovar alguma coisa. Até então, eles não falavam nada disso.

M. L. V. P. D.: A fofoca...

E. L.: Aquela coisa toda. Quer dizer, mudou completamente a coisa. Eles começaram a pedir e viram que eu tinha colegas que podiam vir. Chamei o Ignacio, o Eduardo, o Alceu, a Tieko. Também chamei o Bento Prado, o Ianni. Até quem não era da minha área e eu conhecia, eu chamava. Chamei 20 pessoas.

M. L. V. P. D.: Ianni?

E. L.: Octávio Ianni. Chamei um monte deles. Cid Marques também veio. Enfim, começou a se formar uma escola de alto nível. Por isso eles pensaram em convidar o Greimas, que, no fim do curso, deu duas ideias para nós. Primeiramente, ele disse: "Vou lhes dar uma alegria, creio. Vou filiar o grupo de vocês, de que gostei muito, ao meu grupo de Paris". Então fomos o primeiro grupo de estudos semióticos do Brasil filiado diretamente ao grupo dele, de estudos semiolinguísticos da Escola de Altos Estudos e Ciências Sociais de Paris. E eu, distraído, perguntei em que isso se traduzia, concretamente. E ele: "Bem, se traduz em um intercâmbio de trabalhos, essa coisa toda, e vocês poderão mandar alguém para lá". Isto, ele falou para mim, pessoalmente: "Edward, você me indica um professor daqui por ano – manda estudar comigo –, que concedo uma bolsa para ele lá em Paris. E vocês arranjam o que precisa aqui". Então falei: "Ótimo". Tanto que mandamos [professores]. Acho que a primeira foi a Diana. Depois, o Eduardo e, em seguida, o Ignacio. O Ignacio foi em 1980. Eu sei, guardo bem o ano, porque ele estava fundando comigo a pós-graduação em Araraquara. A segunda coisa que Greimas sugeriu foi: "Sugiro que este pessoal que está aqui interessado em Semiótica, que vai ficar filiado ao nosso grupo, faça uma revista para publicar o trabalho de vocês e divulgar no Brasil". E nós achamos boa a ideia dele, que ainda acrescentou: "Só que, para fazer isso, vocês têm que ter uma fundação formal; têm que registrar a revista num cartório, ver essas coisas todas, e têm que eleger uma diretoria". Até então, trabalhávamos separadamente.

M. L. V. P. D.: Sem muita organização...

E. L.: Exato. Por exemplo, eu trabalhava muito com o Eduardo. O livro *O mito e sua expressão na literatura hispano-americana* fiz com ele. Trabalhávamos no *O Estado de S. Paulo*; éramos responsáveis por um suplemento de cultura, muito interessante, chamado "Suplemento Literário", e eu e ele éramos responsáveis pela sessão de Letras Hispano-americanas. Toda semana mandávamos um artigo para lá. Bem, tínhamos um trabalho intenso, mas éramos só nós dois.

M. L. V. P. D.: É difícil produzir sem organização.

E. L.: Era muito difícil. Então resolvemos fazer um grupo.

J. C. P.: Vocês chamaram o Salvatore [D'Onófrio]?

E. L.: Sim, chegou a assistir umas aulas do Greimas, não todas.

J. C. P.: E o Evaldo [Amaro Vieira]?

E. L.: Ah, o Evaldo. Era um cara muito interessante. Gostava muito dele. O Evaldo, que vinha da área de Sociologia, mas havia feito também Letras, tinha dois diplomas e acabou, finalmente, ficando na USP com Didática, Pedagogia, Educação. Ele nunca levou a sério isso. Usava mais as teorias marxistas. Naquele tempo, as ciências sociais tinham uma vantagem sobre nós. O que é que Greimas representou naquele momento? Greimas representou, pela primeira vez em ciências humanas, a possibilidade que você tinha de aplicar um modelo de trabalho, como os marxistas tinham, ou os freudianos, por exemplo. Quer dizer, se você pega um psicólogo, um psiquiatra da linha freudiana ou da linha sei lá, de Jung, ou de quem quer que se escolha, essa gente tem um modelo. Por exemplo, o modelo deles contém o complexo de Édipo.

M. L. V. P. D.: Fazem um percurso, não é? Há um por onde têm que passar. Venceu ou não venceu...

E. L.: É como a leitura. Você descobre, em parte, porque foi lá. A leitura não é uma coisa morta. Então, se você aplica um modelo, evidentemente você vai encontrar o que o modelo põe. Se você vai fazer um trabalho e quer aplicar o modelinho do quadrado, por exemplo, é possível. Você pode usar isso em qualquer lugar. O importante não é isso. O importante é ver o que você faz com isso. É como funciona o quadrado semiótico, todas as estruturas elementares, a teoria em níveis.

M. L. V. P. D.: O percurso gerativo.

E. L.: Exatamente. O percurso, o programa narrativo, essas coisas todas nos deram o quê? Elas nos deram, pela primeira vez, um modelo a ser aplicado em um trabalho, que permitia olhar através de uma câmera, de uns óculos, de um gabarito, que dizia exatamente o que é que estava sendo visto. E era isso que era feito. Essa foi a grande novidade, porque não tinha isso nas ciências humanas. O que é que tinha?

M. L. V. P. D.: Uma fala do autor, aquela leitura.

E. L.: Por isso, o pessoal daqui que melhor fazia análises de textos, até então, era da crítica literária, eram os discípulos do Lukács, que empregava o método marxista.

M. L. V. P. D.: Crítica marxista que também, de certa forma, é reducionista.

E. L.: Toda crítica é reducionista na base. Se você toma um modelo, você está conformado a reduzir, a ver aquilo que o modelo dá. Mas o reducionismo não é próprio do método, é próprio da ciência, do método científico. Não é verdade? Por exemplo, eu sempre defino a ciência como um corpo de saber, de um saber parcial. Por quê? Porque uma ciência não pode ser perfeita.

M. L. V. P. D.: Eu queria perguntar uma coisa para o senhor. Quem estava gravando as palestras do professor Greimas?

E. L.: Olha, não me recordo de quem tomou conta da tarefa.

M. L. V. P. D.: Mas era para serem gravadas.

E. L.: Elas foram gravadas. Isso eu sei. Além disso, na última aula do Greimas, na parte da tarde, ele reservou a última hora para fazermos a eleição do Centro de Estudos, que resolvemos batizar de "A. J. Greimas", em homenagem a ele. Então foi feita a eleição.

M. L. V. P. D.: E foi ele que sugeriu que vocês montassem esse Centro, não?

E. L.: Ele que sugeriu. Nós não tínhamos pensado nisso. Todos que estavam votaram, e fui eleito o primeiro presidente. Então fiquei também encarregado de viabilizar a revista. Para isso, fui à direção da Mauá, expus o plano da revista e do Centro, e disse que este último seria um órgão universitário, que só poderia funcionar se dessem o auxílio de, no mínimo, alguns salários anuais. Também era importante que fizessem constar no orçamento da universidade, senão a revista não ia se viabilizar, porque ela tinha um custo. Eu já tinha experiência com a turma do Eduardo, do Alceu, do Ignacio. Em Rio Preto, nós tínhamos fundado uma revista chamada *Bacab*. Não sei se vocês se lembram.

M. L. V. P. D.: Cheguei a ver.

E. L.: Foram dois números dela.

M. L. V. P. D.: Vi na biblioteca.

E. L.: Antes dela morrer, não é? Mas, então, a direção da Mauá deu, para minha surpresa, muito mais do que eu esperava. Ela deu 100 salários-mínimos por ano, uma bela quantia de salários-mínimos. Garantia, naquela altura, a publicação de dois números da revista. E, de fato, fizemos a primeira muito bonita, não é? Grande, com artigo de Greimas.

J. C. P.: Temos só a cópia aqui.

E. L.: A ideia ficou assim: vamos fazer uma revista para a qual sempre puxaremos um grande nome estrangeiro, para carro-chefe. E atrás vai todo o pessoal. Vamos pelo menos ter um lugar onde publicar. E, de fato, saiu isso daí.

J. C. P.: A pergunta que deu origem ao Centro foi feita em que altura do curso? Foi no começo, no meio ou no final?

E. L.: No meio do curso, mais perto do começo até.

J. C. P.: Mais palestras foram gravadas ou somente essa?

E. L.: Foram gravadas várias. E dessas palestras foram tiradas umas 12 fitas, no mínimo, que ficaram a cargo do secretário, que era o Ignacio, naquela altura. Ele ficou com essas fitas por muito tempo. Primeiro ficaram na Barão de Mauá um tempo. Quando saímos de lá, ele as levou, porque a nossa intenção era retirar tudo o que estava nelas, reproduzir e fazer um livro.

M. L. V. P. D.: Foi uma pena não terem feito.

E. L.: O máximo que conseguimos fazer foi tirar dois artigos, como vocês sabem. E dois artigos inéditos, que tiveram repercussão até na Europa, porque eles não tinham lá. Quando foram fazer homenagem a Greimas lá, estavam pedindo, porque ele tinha falado aqui, mas não tinha falado lá. Eles não tinham. E depois lembro de ele ter levado para Rio Preto para trabalhar, dar para algum aluno tirar. É um trabalho muito chato transcrever fita. Você tem que ouvir várias vezes, às vezes não ouve bem, não pegou bem, um que está ouvindo entende uma coisa, outro entende outra. É muito penoso.

J. C. P.: A transcrição das duas palestras, o senhor fez com o professor Ignacio?

E. L.: A transcrição não. A transcrição quem fez foram Ignacio e Alceu. Não sei quem tirou primeiramente, quem fez o monstro, digamos assim. Deve ter sido algum aluno do Ignacio. Mas, depois, Ignacio e Alceu ouviram juntos, eu me lembro até que eles me chamaram para ouvir também. Mas eu não tinha tempo naquele momento, não fui ouvir. Lembro de dizer que veria quando terminassem, e do Alceu e do Ignacio vendo e decidindo, porque havia nomes, inclusive, de gente que não tinha nada útil para nós. Alunos do Greimas, provavelmente, alguns alunos que, naquela altura, não diziam nada, nem sabíamos quem eram. E, para pegar o nome, era bem difícil. Deve ter algumas incorreções.

M. L. V. P. D.: O texto "Métaphore et isotopie" tem uma nota de rodapé dizendo que foi revisado pelo Louis Panier, que acho que era da Université de Lyon. Ele não estava aqui.

E. L.: O Louis Panier era uma figura interessante. Pertencia mais ao grupo de Lyon, que estava interessado numa semiótica bíblica. Tem muitas coisas preciosas dentro desse curso. E nunca foram tiradas. A última vez que vi isso foi antes de me aposentar. Estava com o Ignacio, em Araraquara, no gabinete dele. Depois não sei o que virou disso. Não sei para onde ele levou.

J. C. P.: Panier, então, entra como na história?

E. L.: O Panier assistia a algumas aulas do Greimas, aprendeu teoria, essa coisa toda. Mas como a área dele era verdadeiramente outra, nunca se uniu muito ao grupo. O grupo, aliás, não era tão unido assim. Sempre foi muito definido. O Panier, por exemplo,

se queixava de não ser muito bem aceito. Greimas tinha a preferência dele. O discípulo predileto era o François Rastier.

J. C. P.: E o Courtés?

E. L.: O Courtés era uma figura secundária. O grande nome do grupo não é nenhum deles. O François Rastier nunca soube direito o que queria. Inclusive, quando o Greimas veio aqui, perguntei como o Rastier estava – eu já o admirava muito, tinha lido uns estudos dele. E o Greimas estava louco da vida, porque o Rastier tinha ido trabalhar no Cine Renault. Foi lavar o chão. Entrou numa daquelas crises sobre ter que ser militante, ativista político, aquelas coisas que deram na juventude francesa em 1968. Gente velha como o Sartre não ficou bem das pernas, imagina os mais novos. Mas o Sartre era um filósofo.

J. C. P.: Rastier, hoje, trabalha com matemática, com inteligência artificial, não?

E. L.: Sim, se dedicou a isso.

J. C. P.: É a partir daquela proposta da Semântica Interpretativa que ele distende a sua teoria.

E. L.: Exato. Aliás, acho que isso foi um equívoco do grupo. Entrar por esse lugar foi um equívoco. Digo isso porque a universidade como está hoje não me interessa mais. Pertencço a uma universidade que era feita por pessoas que, por incrível que pareça, eram dois ou três que conheci e realmente tinham vontade de aprender alguma coisa. Viam realmente alguma coisa séria. E hoje, vejo a universidade cada vez mais parecida com uma espécie de departamento de ciência e tecnologia das megaempresas multinacionais. Estão lá sendo auxiliares da globalização. Acho que entraram nesse caminho terrível e as ciências humanas, assim como as artes, não existem para mais nada.

M. L. V. P. D.: O que qualquer computador faz.

E. L.: Eles pensam em nós, hoje, dessa forma. Isso não interessa. As ciências humanas não interessam a ninguém. A verdade é essa. Porque as ciências humanas são subversivas. Sempre foram. Se elas valerem a pena, são subversivas. Se não forem subversivas, não valem a pena. O que que elas podem produzir? Críticas. Não é? A melhor contribuição delas é essa. Elas não vão fazer parafuso nem vender tintura para cabelo.

J. C. P.: Daí uma universidade de Semiótica.

E. L.: Mas isso é realmente um desencanto com a Semiótica. Quando saiu a minha geração, eu pensava que tínhamos conseguido alguma coisa. Então fiquei sabendo que, na USP, tinha apenas algumas pessoas falando de Semiótica a sério. Jesus Cristo, é a

maior universidade do país, a mais célebre. Por que a Unicamp nunca entrou nisso? O Jesus [Durigan] foi para lá, poderia ter feito alguma coisa. Quando ele foi, quem o pôs na Unicamp? Fui eu. Lembram-se daquela história que contei, que o Eduardo falou “Não sei o que faço com a Diana e o Jesus”?

J. C. P.: Ele era um dos alunos.

E. L.: Arrumei lugar para ele na Barão de Mauá. Um dia, a Yara Frateschi, que tinha sido minha colega de Franca e estava na Unicamp, me convidou para ir para lá e rejeitei. Não gostava de como o grupo deles estava levando as coisas. Então ela pediu para eu arrumar alguém. Como o Jesus estava perto, perguntei a ele se queria ir para a Unicamp. Imediatamente, disse sim.

J. C. P.: O senhor mesmo não foi [a Paris] pelo intercâmbio entre o grupo de Paris e o Centro de Estudos Semióticos?

E. L.: Fui. Eu fui um dos últimos a ir. Fui quando o Greimas estava morto. Ele morreu em 1992. Cheguei no final do ano. Lá, visitei o Groupe de Recherches Sémio-linguistiques, mas fui a quatro ou cinco reuniões. Não passou disso, porque vi muita briga lá dentro.

M. L. V. P. D.: O Greimas voltou ao Brasil em outra oportunidade?

E. L.: Voltou, parece que uma vez, chamado pela USP. Quando estava aqui [em 1973] e foi a São Paulo, ele foi chamado para dar uma palestra na USP. Ou algumas palestras, duas ou três. Não fui com ele.

J. C. P.: E qual a data dessa segunda visita?

E. L.: Não sei. Não posso precisar.

J. C. P.: Não sei se tem mais alguma coisa sobre o Greimas no Brasil, mas tem a pergunta a que eu ainda gostaria de voltar.

M. L. V. P. D.: Sobre a elaboração da pergunta a Greimas durante o curso. O senhor não se lembra de como/qual foi exatamente a questão, já que foi o senhor quem elaborou?

E. L.: Não.

M. L. V. P. D.: O senhor falou da questão da metáfora, me parece.

E. L.: É, falei da questão da metáfora em relação àquele problema da projeção do eixo paradigmático.

M. L. V. P. D.: Paradigmático ou sintagmático?

E. L.: Sintagmático. O Jakobson defendia a ideia – e foi por aí, mais ou menos, estou me recordando – de que a metáfora resultava disso, da projeção ou não do eixo. Digamos que, se você tivesse dois eixos sintagmáticos, A e B, e dois eixos paradigmáticos, caso projetasse o paradigma A, teria uma construção normal; caso projetasse um paradigma B no lugar de A, teria uma construção metafórica. Era isso.

M. L. V. P. D.: Muito bem. De onde veio o B? Era de um outro paradigma?

E. L.: Exato, de um outro paradigma. Um segundo paradigma, portanto, impróprio. Era a velha ideia da metáfora como uma comparação imprópria.

M. L. V. P. D.: Certo.

E. L.: Mas eu disse ao Greimas, a partir de uma das observações, que me parecia um pouco furada a ideia do Jakobson. Era incompleta, no sentido de que você pode perfeitamente bem montar metonimicamente uma metáfora. Ou seja, é possível montar no eixo sintagmático, não precisa de nada do eixo paradigmático. Certo? Foi por aí. Então ele disse que estava anotado e botou no bolso. No dia seguinte, veio com aquela coisa brilhante que é aquele trabalho dele.

J. C. P.: Minha pergunta sobre enunciação liga-se a essa.

E. L.: A pergunta sobre enunciação?

M. L. V. P. D.: Ele responde, ele começa o texto dizendo que está respondendo ao senhor e ao Ignacio. Começa assim: “A pergunta que o senhor Lopes e o senhor Assis Silva me passaram por escrito me fez pensar muito, e muito, mas não, qualitativamente”.

E. L.: É [risos], era um negócio intrincado mesmo.

M. L. V. P. D.: E está no título que “A enunciação [é] uma postura epistemológica”.

E. L.: O problema, nesse caso, era o seguinte: Greimas foi o primeiro sujeito que, certamente, descobriu que o universo do discurso é um universo fechado nele mesmo, de tal modo que não cabe falar em exterioridades em relação a ele. Ou seja, ele é fechado de um jeito que inclui, nele mesmo, o que é o exterior dele. Ele não pode trabalhar se não utilizar isso. Agora, se você leva isso para a teoria da enunciação, verifica que, em Jakobson, por exemplo, considerando as funções que identifica, ele está pensando no enunciador colocado na situação física, e extralinguística, junto a um enunciatário igualmente físico, como estamos aqui. Mas Greimas está pensando em papéis. Para ele, o destinador e o destinatário, o enunciador e o enunciatário, nada têm a ver com as pessoas reais, que assumem esses papéis, eventualmente, na fala.

J. C. P.: São actantes.

E. L.: Eles podem ser dois ou mais de dois, ou menos de dois, pode ser um. São actantes, são papéis funcionais e, portanto, eles se definem dentro do discurso. O discurso não existe a não ser dentro dele mesmo. Aquilo que está fora do discurso, na verdade, é o que ele diz e que está dentro dele. É esse paradoxo aparente, que resumi, muitas vezes, dizendo: tem enunciação, então tem enunciado. E, se tem enunciado, então tem enunciação.

M. L. V. P. D.: Lógico.

E. L.: E tem a enunciação como um pressuposto de existência do próprio enunciado. Porque, se o enunciado é o objeto criado pela enunciação, basta ter o enunciado, para ter a enunciação como um pressuposto. E a enunciação é sempre um pressuposto. Esse é o problema. Quer dizer que são completamente inanes e inúteis as teorias biográficas, as teorias literárias que se apoiam na biografia para explicar. Outro dia, em uma palestra em Araraquara, com psicólogos e estava perguntando a eles, que, se achavam útil usar a biografia do sujeito para explicar a obra? Se achavam útil explicar a biografia do escritor, como, por exemplo, dizer que Machado morreu em 1908, que está morto há um século. E, por fim, se acreditavam que a subjetividade dele é incontrolável para eles, que não podem penetrar nela. Penso, então, que é muito mais útil entrarem na biografia do leitor, porque o leitor lê o sentido que deu ao texto. O sentido é do leitor, não é do autor. O autor dá, ao leitor, o plano de expressão. E por que eles não fazem isso, então?

M. L. V. P. D.: Trabalhar com a história do leitor?

E. L.: Veja, quem é que lê? Quem é que tem a competência para ler? É o leitor, não é o autor. O leitor lê com a sua competência. Portanto, eu não estava brincando. É sério.

M. L. V. P. D.: Não, foi uma inversão.

E. L.: Você entende precisamente o que você tem competência para ler. É nesse sentido que a obra é aberta.

M. L. V. P. D.: E mostra, de certa forma que o ser real, o Greimas ou o Machado de Assis, a vida deles não tem importância nenhuma na obra deles.

E. L.: Não tem nenhuma! Nada. É fofoca! Existem duas coisas que um mau professor de Literatura faz e que não deve fazer. Uma é falar da vida dos autores, porque isso pode ter um interesse de fofoca, não vejo outro. A segunda é não ensinar História da Literatura, porque quem dá História da Literatura, não dá Literatura, dá livro e dá História. História da Literatura é uma disciplina histórica, do âmbito da História, não tem nada a ver com Literatura. Quem dá Literatura, dá texto.

M. L. V. P. D.: Exatamente.

E. L.: Não é verdade? Que é que adianta você saber a vida do Castro Alves, se você nunca leu, sei lá, *Navio Negreiro*?

M. L. V. P. D.: Professor, agora tenho que voltar à história da semiótica greimasiana no Brasil. Sobre a revista *Significação*, o senhor já contou como ela foi montada. A pergunta é: ela sempre foi editada? Parece que teve uns anos que não foi.

E. L.: É, ela mudou muito de formato. Eu acompanhei, fiquei dez anos como coordenador do Centro de Estudos Semióticos. E, enquanto estive, eles publicaram, no mínimo, uma por ano. Pelo menos a primeira e a segunda, a terceira e a quarta, talvez.

J. C. P.: Acho que a terceira é de 1982, tem um lapso depois.

E. L.: Isso. Depois tem um lapso sim. Por quê? Porque em 1977 me desliguei daqui. Fui o último a se desligar da Barão de Mauá. E quando me desliguei, simplesmente cortaram a verba da revista. Na verdade, eles nunca deram. Só para a primeira revista eles deram 100 salários-mínimos. No segundo ano, já não deram. Nessa que saiu publicada muito depois, os artigos foram escritos bem antes. Por isso há essa diferença de data. Então nós começamos a ficar com aquele problema, como é que vamos bancar? O que faremos?

J. C. P.: Essa é de 03 de abril de 1982.

E. L.: Então, esses artigos devem ter sido escritos dois, três anos antes, provavelmente.

J. C. P.: Quando já se tinha, por exemplo, Zaga [Luiz Gonzaga Marchezan], [Jose Luiz] Fiorin.

E. L.: É, mas já tinham se passado nove anos do curso.

M. L. V. P. D.: O Fiorin entra na segunda geração, ou não?

E. L.: Sim. Um dia ele apareceu, que me lembre, na Unesp, e matriculou-se em um curso meu. Ele fez um curso de um ano.

M. L. V. P. D.: Nessas alturas o senhor já estava na Unesp de Araraquara?

E. L.: Estava dando semiótica. E ele não sabia muita coisa, os interesses dele, na verdade, eram mais ligados ao marxismo. Lembro-me do Fiorin muito bem, por dois motivos. Primeiro porque ele era, realmente, uma pessoa muito inteligente e, segundo, porque ele me amolava muito com a versão marxista da ideologia. E eu não gostava da versão marxista da ideologia, daquele negócio de estrutura. E até me lembro que, um dia, eu lhe disse que o marxismo também trabalhava com mitos, porque esse negócio de que a história vai acabar, só com Marx proletário descendo do céu e liberando os trabalhadores do mundo todo. Isso, para mim, é mito, isso é mito milenar. Os mitos milenaristas que regem o mundo.

J. C. P.: Começo de deslocação messiânica.

E. L.: É, exatamente. E era uma visão que se tinha. A visão marxista era essa, dava essas coisas para as pessoas entenderem. Então me lembro de que ele desconfiava muito do curso por causa das concepções a respeito de ideologia. Eu preferia definir ideologia de dois modos: o modo greimasiano, que é regido por um universo de valores, portanto; e o meu modo, que eu definia como discurso repetido. Ele perguntava como eu preferia definir por esse viés do discurso repetido; não entendia muito bem disso, mas depois citou na tese e usou, inclusive, a definição que eu dava. Ele chegou a entender esse conceito aqui. Bem, desviou o curso muito para isso, para trabalhar em cima disso.

M. L. V. P. D.: Quem era o orientador dele?

E. L.: De mestrado?

M. L. V. P. D.: Não, de doutorado.

J. C. P.: Acho que a tese é sobre o Golpe de 1964.

M. L. V. P. D.: É. Na tese, ele tem esse discurso voltado para a ideologia.

E. L.: Exatamente. Ele trabalha com os discursos dos presidentes da ditadura. E é bem em cima disso, quer dizer, tudo ideológico; era a grande preocupação dele. Tudo bem que você, dentro da semiótica, trate dessas questões. A semiótica é o quê? É uma metodologia. Ela não é uma ciência.

M. L. V. P. D.: É uma teoria que tenta dar conta do sentido.

E. L.: Isso. A semiótica, cada vez mais, de algum modo, faz aquilo que antigamente se chamava uma teoria unificada, porque você vai encontrar nela saberes que vêm de outras áreas. Tomemos, como exemplo, o quadrado semiótico. Se o observar, verá como se parece com o quadrado do Blanché ou com aqueles quadrados que os pitagóricos faziam.

J. C. P.: O quadrante de Aristóteles.

E. L.: Ou o quadrante de Aristóteles. Os lógicos faziam aqueles silogismos.

M. L. V. P. D.: Ele fazia o grupo de Claude [Shannon].

E. L.: A lógica de [George] Boole, não é? Quer dizer, está tudo ligado. E, do ponto de vista, digamos, heurístico, é lógico que se beneficia tremendamente do marxismo, porque essa história, por exemplo, que nós demos sobre a definição de ideologia, do conjunto de valores, é um valor, só que o valor a que o marxista deu ênfase foi o valor,

evidentemente, que estava medindo as relações de trabalho, imediatamente, como mercadoria, isto é, o valor de consumo, enquanto trabalhamos, não tanto com o valor de consumo – embora ele entre também –, mas com o valor de troca. Mas o que é o signo? Signo é um valor de troca. É uma coisa que se põe no lugar de outra coisa, que se troca por outra coisa. É esse o verdadeiro interesse. Então, veja que as tradições são muito bem-apanhadas na semiótica greimasiana. Ela é muito bem orientada nisso. Quer dizer, é preciso entender um pouco de Lógica, um pouco de marxismo, um pouco de Antropologia. Digo Antropologia para incorporar, digamos, contos infantis, os contos de fadas, o início da teoria começou por aí.

M. L. V. P. D.: Aliás, começou analisando mitos, certo?

E. L.: Sim, mitos.

M. L. V. P. D.: Mitos da Literatura.

E. L.: Eu mesmo, trabalhei muito com os mitos do Dumézil. Foi o Greimas que chamou minha atenção para ele.

M. L. V. P. D.: Na linha da multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, o senhor estava dizendo que a semiótica *acaba sendo* a mais abrangente. Mas ela é.

E. L.: Penso que ela é sincrética. Ela é quase uma teoria unificada.

M. L. V. P. D.: Então, justamente sobre a questão da interdisciplinaridade, os peircianos falam, hoje em dia, até em transdisciplinaridade. Não sei bem o que é isso, mas essa principal estratégia da semiótica pierciana parece não gozar de boa reputação entre os greimasianos. Por exemplo, no verbete psicosemiótica, lemos o seguinte no *Dicionário de semiótica*: “Essa aproximação de duas disciplinas que se elaboram de maneira independente, visando à produção de um novo campo científico autônomo, repousa numa ilusão, a da interdisciplinaridade”. Sentimos que Greimas acha que tem que deixar para os psicólogos a Psicologia, para os sociólogos a Sociologia, não é?

E. L.: Eu também acho.

M. L. V. P. D.: No livro *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa*, o senhor aborda a questão relacionada ao Cláudio Manuel da Costa recorrendo, ocasionalmente, à história social e literária do período, que poderíamos chamar de a primeira interdisciplinaridade; e, vinte anos antes, o senhor havia desenvolvido um conceito de interpretante descrito por Pierce.

E. L.: O conceito de interpretante foi desenvolvido em um artigo publicado na *Significação*.

J. C. P.: Então, ele aparece na *Significação*, em 1974, no artigo “Interpretação do interpretante”. Depois, aparece em 1978, no livro *Discurso, texto e significação: uma teoria de interpretante?*

E. L.: Exatamente.

J. C. P.: Que seria a segunda [teoria de interpretante]?

E. L.: Seria uma retomada daquele artigo aplicada a um soneto do Drummond.

M. L. V. P. D.: Então, em *Metamorfoses*, o tema da história novamente, de uma forma ou de outra, determina um questionamento das análises. Inclusive, Barthes tinha sido trazido para a obra. Parece-nos que o senhor é favorável a uma semiótica interdisciplinar.

E. L.: Não, não sou não. Veja, quando estava trabalhando com o Cláudio, o que chamou minha atenção, além da extraordinária importância que a obra dele tem – e acho que foi muito mal avaliada ainda – é que ele empregava bem coisas que antecedem muito a época dele. Ele tem coisas que são barrocas, que são mais atrasadas que a época dele, mas ele tem prenúncios de Romantismo, e depois ele tem prenúncios no uso, no gosto da Gramática, por exemplo, de algum modo uma escrita que seria pré-concretista, de certo modo, por causa deste recurso: os anagramas. E, por outro lado, o universo dele era, ao mesmo tempo diferente. Vou dar um exemplo: no soneto XXII, em que fala de Fido, não há referência para o nome “Fido” para uma pessoa da época.

M. L. V. P. D.: Ah! Não teria sentido.

E. L.: Seria um nome qualquer, um nome pastoril qualquer. Mas era um nome pastoril que vinha da Itália, e tinha uma tradição lá, porque “Fido” é um nome no livro *Il pastor fido*, de Battista Guarini, e, naquele contexto em que ele era empregado, no conceito de escola, portanto não necessariamente histórico, mas escolástico mesmo, ele significava, por antonomásia, o amante fiel e desprezado.

M. L. V. P. D.: E é esse papel que ele vai desempenhar.

E. L.: Isso. O nome, portanto, era, em si mesmo, digamos, um minitexto que está dentro do poema. E é pertinente. Cláudio usa exatamente por esse sentido. Claro que não posso dizer que ele pensou nisso, mas era um poeta arcádico. Por outro lado, há certas alusões que ele faz quando aparece a metáfora. Cabe dizer que a metáfora aparece em duas ocasiões: quando não se sabe exatamente o que dizer ou quando não se pode dizer o que quer dizer. Então, em época de ditadura, é uma maravilha. E esse momento era mais ou menos o que o Cláudio viveu, porque não se pode esquecer que esteve implicado na Conjuração Mineira, na Inconfidência, e, na época, os escritos dele eram altamente policiados. Tanto que a sátira do Gonzaga, as *Cartas chilenas*, circulavam clandestinamente.

M. L. V. P. D.: Era uma época em que tinha que usar metáforas. Tinha que usar essas figuras.

E. L.: Tinha que usar essas coisas porque não podia dizer diretamente o que se pensava.

M. L. V. P. D.: Nem assinava.

E. L.: Sim. Quando ele falava em “derrama”, por exemplo, ele podia fazer um jogo de palavras em que, de um lado, se referia aos olhos derramando lágrimas e à derrama dos impostos, que fazia chorar os povos que viviam em Minas. E ele fazia coisas desse tipo. Não era uma leitura, digamos assim, interdisciplinar; era uma leitura relacionada aos valores que essas palavras tinham na época e que são recuperadas ainda hoje.

M. L. V. P. D.: Então, a questão é que o texto tem essas aberturas.

E. L.: Tem essas aberturas.

M. L. V. P. D.: Mas, se não tivesse escrito lá, não dava para saber.

E. L.: Não posso jurar que o Cláudio tenha feito isso, mas, *a posteriori*, como me informei disso, está na minha competência de leitor ler isso. Essa informação é irrefutável. Outra coisa que me levava a esse caminho era que muitos autores e críticos brasileiros negam que tenham vindo de uma escola mineira, por exemplo, ou não dão o devido valor que a escola mineira teve. Por que não dão valor? Porque leem as obras separadamente.

M. L. V. P. D.: Não têm a visão do todo.

E. L.: Não têm. Como eles leem a obra separadamente, dizem que não há nada que tenha consistência ideológica. Como não há? Se se pega, na mesma época, livros como *Cartas chilenas*, *O reino da estupidez*, todos esses livros de Minas, uma porção de livretos escritos, e mesmo as obras épicas, todos malham o que é português. E tudo o que eles louvam é brasileiro. Se se lê isto desse modo, vai verificar que o que era português era antivalor e o que era brasileiro era valor, era valorizado. O que significa isso? Significa que se deve fazer a leitura de várias obras do tempo para ver como elas convergem na criação do mesmo sentido. Essas obras eram a tradução literária de um combate que havia na vida real, daquilo que eles estavam sofrendo na realidade histórica daquele momento. Mas não vou pegar essa informação na/da vida real, vou pegar na obra. O que recomendo é pegar na obra. E outra, é preciso ler o quanto é grande a escola mineira, uma vez que, nas artes, o maior escultor do mundo, na época, era certamente Aleijadinho. Tinha um grande arquiteto, mas não tem só Aleijadinho, tem trinta grandes arquitetos, trinta grandes escultores. Estudos sobre a música barroca de Minas mostram que, pelo menos vinte cidades desse estado tinham entre oitenta e cem escravos músicos, o que, para a época, era um número absurdo! Alguns, como Lobo de Mesquita, por exemplo, tinham uma música de qualidade extraordinária. Na

pintura, tem o Mestre Ataíde. Se tem um sujeito com a capacidade do Mestre Ataíde e um escultor como Aleijadinho, o pai de Aleijadinho na escultura e na arquitetura, gente como os que escreviam a respeito de Minas, a exemplo do Frei Veloso, que escreveu um livro sobre Botânica, extraordinariamente valioso, tem-se um florescimento cultural. E é nesse período, é desse caldo de cultura que se criam os poetas. Todo mundo era poeta na época. Então isso não é interdisciplinaridade.

J. C. P.: Acho que a pergunta gira em torno de como abordar semioticamente esse caldo de cultura, porque, considerando o exemplo que Greimas dá no *Maupassant*, ele consegue interpretar aquele conto sem falar onde Guy de Maupassant nasceu, por exemplo.

E. L.: Lógico.

J. C. P.: É curioso. Então ele evita de uma forma totalmente radical.

E. L.: Não existe o fora do texto, é isso. Mas o que fiz foi uma leitura. Como disse há pouco, quem ensina História da Literatura não está dando Literatura. Não considero isso Literatura. Estou trabalhando com História da Literatura. E isso não está me ajudando nada a entender o Cláudio, está me ajudando, sim, a colocar no devido lugar a atualidade da arte que os poetas faziam naquela época. E isso é um dado da História. Porque sou do mesmo parecer de Greimas, que diz que, se você comparar uma Psicologia com outra... O que é que ele coloca?

J. C. P.: Pega duas ciências que tiveram objetos e origens diferentes e depois se aproximaram.

E. L.: Isso. O que é uma ilusão. Por que é uma ilusão? Porque, se você pegar uma afirmação feita pela Psicologia a respeito, digamos, do que significa determinado gesto cultural, e depois pegar o mesmo gesto analisado por outra disciplina e confrontar os dois, vai verificar que qualquer aproximação que possa fazer é ilusão, pois o que se está fazendo nesse momento é ignorar que as afirmações que uma ciência faz têm validade no interior dela, dentro dela, dos seus próprios tempos, e isso nada tem a ver com a do outro. Então, é o mesmo que ocorre quando dizemos, por exemplo, que não vamos aceitar as curas xamãs, dos pajés, porque não funcionam em nós. É uma ignorância aquilo [a cura xamã]? Não. Aquele é verdadeiramente o método de cura dos indígenas, provado por milhares de anos e que, se não prestasse, jogariam fora. Eles não são loucos. Se não desse nada certo, eles certamente adotariam outra coisa. Não é verdade? Só que nós não sabemos avaliar pelos critérios internos da cultura deles. Digo sempre uma frase para os meus alunos: a definição de natureza é cultural. Acho que isso explica. Não é a natureza que se define, ela é uma cultura, é uma disciplina, e você terá tantas definições. Por isso toda comparação desse gênero é ilusória. Greimas tem razão. É como a realidade. O que é a realidade? Realidade é um sincretismo de leituras que se faz de discursos sobre a realidade.

M. L. V. P. D.: Quanto ao uso do tempo interpretante, o senhor gosta dele, e ele vem da linha peirciana. Por quê?

E. L.: Não gosto muito de como Pierce coloca. Não é como Pierce disse, aviso isso desde o início. Uso o termo, não uso a teoria do Pierce.

M. L. V. P. D.: Sim, o senhor faz uma colocação sobre isso.

E. L.: Porque a teoria do Pierce chega numa coisa que é verdadeira, mas não leva a nada. Ele postula aquilo que sabemos. Você pode usar o signo como signo-objeto, falando a respeito das coisas do mundo, digamos, em função referencial. E se você pode usar o signo como metassigno, isto é, para falar de outro signo, então você também pode usar um terceiro signo para falar do segundo signo, entrando no processo de uma semiose ilimitada.

M. L. V. P. D.: E interminável.

E. L.: E é isso que a teoria do Pierce faz com o interpretante. Ora, o interpretante, para mim, é aquilo que você utiliza para falar de outro signo. É um metassigno. Tem apenas esse valor, mais nada. Por outro lado, o problema é estabelecer onde encontrá-lo. Para começar, se se lê um texto em português, a primeira coisa que se deve saber é português.

M. L. V. P. D.: O significado das palavras.

E. L.: Claro. Existe outro interpretante que é um interpretante do contexto. Quando falo contexto, não estou falando de situação, estou falando do contexto físico, do contexto de enunciação. Estou falando da vizinhança linguística que se coloca dentro do discurso. Depois tem que se definir o ideológico, e o ideológico é um dueto. Ele pode entrar na relação entre um e outro discurso. Que outro discurso? Por exemplo, um discurso como o do Fido, no Cláudio. Eu li, identifiquei o Fido. Ah! É um texto do Guarido que está aludido aqui. Pronto, fiz uma interpretação ideológica. Pode estar certa ou não estar certa, isso não importa, já é uma interpretação.

M. L. V. P. D.: É aí que entra a intertextualidade?

E. L.: Sim. Mas, eu digo: essa é uma teoria meio inútil, porque tudo é intertextual. Lemos uma coisa através de outra.

J. C. P.: E esses três interpretantes, como chega a uma pesquisa com eles? Como tem três, dá para aproximar das categorias?

E. L.: Dá para fazer mais, muito mais. É possível construir outros. É como os níveis de língua, pode-se analisar em vários níveis, não tem só três níveis como Greimas fala.

J. C. P.: Começo a pensar, por exemplo, no caso do interpretante do código, por estar baseado na analogia ou na aproximação, talvez, na sinonímia, com o ícone pierciano.

E. L.: Pois é, você tem dois, já, dois interpretantes do código, você tem um interpretante do código que é, digamos, linguístico, e tem um interpretante do código figurativo, que é outro. Você tem o dicionário lexical e o dicionário figurativo na tua cabeça, não é isso? Você pega, digamos, uma reprodução de uma figura de uma mãe com uma criança no colo e, por atrás dela, você tem a imagem mental da Madona, que é um interpretante do quadro figurativo. Ou seja, você só entende a reprodução, quando faz um apelo à Madona.

M. L. V. P. D.: Acontece muito em jornal.

E. L.: Sim. Aquele é o interpretante figurativo, no caso.

M. L. V. P. D.: Que está por trás?

E. L.: Isso.

J. C. P.: Queria que o senhor falasse sobre a tradução no *Dicionário I*. De quem parte a proposta e por que todos assinam? Como foi dividido?

E. L.: Muito simples. Quem tinha mais contato com o editor na época era eu, que já tinha publicado *Fundamentos da linguística contemporânea, Discurso, texto e significação* e várias coisas. E o José Paulo Paes, que era da Cultrix, propôs, um dia, que eu traduzisse o *Dicionário* do Greimas. No princípio, pensei que daria muito trabalho, pois já tinha traduzido o *Iniciação Metódica à Gramática Gerativa*, de Christian Nique, há pouco tempo, um livro sobre gerativismo transformacional. Ainda expliquei ao Zé Paulo que estava cansado de fazer trabalho em cima do dos outros, mas ele insistiu que eu precisava traduzir. Propus, então, repartir o trabalho com o meu grupo, pois todos sabiam francês, e que depois chamaríamos alguém para uniformizar a tradução. A divisão saiu assim: peguei das letras A até D, outro pegou de D até F, e assim cada um traduziu mais ou menos o mesmo tanto de páginas. Deu 100 páginas para cada.

M. L. V. P. D.: Contava mais ou menos por páginas?

E. L.: Sim. Depois tivemos que uniformizar a terminologia. Aí deu trabalho. Por quê? Nesse intervalo entre traduzir o *Dicionário* e publicar, a Cultrix quis traduzir actante como atuante. O Zé Paulo me consultou e disse tinham traduzido actante por atuante. Respondi que o revisor sabia português; de semiótica e de linguística, ele não entendia nada. Em vista disso, o revisor sugeriu que eu revisse a tradução de outros termos. Assim, a tradução de *compétence* e *performance* ficou como competência e performance, deixei performance mesmo.

J. C. P.: Claro.

E. L.: Ele queria que eu pusesse “performância”. Sugeriu porque existe performático em português, mas *performance* não é português.

M. L. V. P. D.: E realmente era uma palavra complicada.

E. L.: Ainda é. Mas hoje em dia todo mundo fala. Fui enfático. Respondi que competência eu traduzia, tudo bem, não tinha problema, existia a palavra, mas um negócio como “performância”? Isso dói no ouvido e não usaria.

M. L. V. P. D.: Você conseguiu fixar performance.

E. L.: Então eu que deixei performance. E aí, surgiu esse negócio, como nós fazíamos um dicionário, veio a dúvida sobre o que usar: actante ou atuante? Deixei claro que fazia questão de ator, actante. Até porque já existe a tradição linguística, e me lembrei do Tesnière, que já havia cunhado o termo actante. Esse termo não é do Greimas, é do Tesnière.

J. C. P.: E livros como o *Du sens II*, por exemplo, por que esse não está traduzido?

E. L.: Porque nessa altura, quando saiu o *Du sens II*, o grupo já estava se desfazendo. O grupo, na verdade, se desfez quando passamos para Araraquara, porque se formou aqui em Ribeirão.

M. L. V. P. D.: Em que ano foi para Araraquara?

E. L.: Fomos em 1977. Na verdade, em 1978 entrei na Unesp. Em 1977, dei um curso, como convidado.

M. L. V. P. D.: Vocês saíram da Barão de Mauá e foram para Araraquara?

E. L.: Isso. O Ignacio também foi, ele e o Alceu. O Peñuela nunca saiu da USP, tinha ficado. Então os velhos do grupo éramos nós. A primeira geração. Os bacabes, falávamos assim em lembrança à *Bacab*.

M. L. V. P. D.: Como o nome da revista?

E. L.: Sim, bacabes. Então, levamos tudo para Araraquara. A Tieko estava em Rio Preto, nem sempre vinha; Diana estava em Rio Preto, depois começou Rio Preto-São Paulo, depois acabou indo para São Paulo. O grupo começou a se desfazer. Começou a não ter mais aquela proximidade. Por um tempo, ainda levamos isso, fazendo reuniões alternando Araraquara e São Paulo. Também fizemos algumas aqui em Ribeirão. Agora, quando dissolveu mesmo, na verdade, não posso precisar muito bem. Sei que me afastei em 1987. Em 1990, me aposentei.

M. L. V. P. D.: O *Maupassant* tem tradução de um grupo de Santa Catarina.

E. L.: Ah, é? Não sabia que tinha.

M. L. V. P. D.: É uma boa tradução, da Federal de Santa Catarina.

J. C. P.: É uma tradução de 1993. São duas mulheres: Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach.

E. L.: Não sabia que tinha grupo lá. Porque eram poucos aqui [no Brasil], de semiótica, que se organizavam. Certamente, o nosso foi o maior. Chegou a ser, isso Greimas que disse, Landowski disse, Parret disse. Essa gente toda vinha para cá, até Panier, gente ligada meio marginalmente. Pottier, veio, Ducrot. Veio um monte desses que entraram na moda logo depois e, de algum modo, estavam ligados, ou, digamos, partilhavam da teoria do Greimas. Havia o nosso grupo, havia o grupo da regional sul, que era de Porto Alegre, aquele grupo da Maria da Graça [Krieger]. Era um grupo bonzinho. No início, tinha uma meia dúzia de pessoas lá interessadas. Tinham sido orientandas minhas e do Eduardo. Foi ela [Maria da Graça] quem nos chamou quando estávamos em Paris, para virmos como visitantes lá. Intentamos, inclusive, fazer uma reunião do grupo de semiótica que já estava desanimado, se separando. Conseguimos reunir umas vinte pessoas, mas não teve continuidade depois. Ainda assim, eles chegaram a publicar alguns números da revista deles, uns dez números. Chamava-se *Regional Sul*.

M. L. V. P. D.: O que estava acontecendo com a semiótica?

E. L.: Depois houve o grupo de Araraquara, quando nos transferimos para lá. E havia em Rio Preto, que era um subsidiário do nosso, de Araraquara, São Paulo, já com o Eduardo e Diana, e, depois, Fiorin, mas Fiorin foi bem depois.

M. L. V. P. D.: Eles ainda são considerados primeira geração?

E. L.: Não, primeira geração não. Primeira geração, considero essa daqui, pois foi aquela que saiu com o grupo do Greimas. A segunda geração foi quando começaram a aparecer a Helenice [Braghetto Trigo Lopes], o Fiorin, outros que depois até deixaram no meio do caminho. Também a Renata [Marchezan], o Zaga, meus filhos (Ivã, Paulo Eduardo Lopes), a Edna [Maria Fernandes dos Santos Nascimento], a Ude [Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan]. É o pessoal da primeira turma de Pós que foi criada em Araraquara. Então é por isso que consideramos que o grupo deles era da segunda geração, porque foram nossos alunos diretos. Eles que assistiam às reuniões que fazíamos, até numa época que o Ignacio quis fazer, lá em Araraquara mesmo, duas reuniões para discutir teoria, uma para debater, outra para aprofundar.

M. L. V. P. D.: Para terminar, como o senhor vê a semiótica hoje em dia? O que o senhor percebe? Porque o senhor tem feito palestras, ido a lugares, conhecido pessoas.

E. L.: Não tenho uma ideia clara, não. Acho que o problema todo é que, não sei, penso isso pelo menos, um grupo para se formar precisa ter um líder carismático, como o Greimas formou o dele, como o Barthes, por exemplo. O Greimas e o Barthes trabalharam juntos. Por que eles não continuaram juntos? Sabem por quê? Porque os dois eram igualmente carismáticos. E me lembro até de ter perguntado ao Greimas o que ele achava do Barthes. Ele respondeu: “Inteligente demais”. E esse demais é que atrapalhava. E me lembro que um dia perguntei o motivo de eles terem se separado, já que eram tão amigos. E ele respondeu: “Sabe o que é, o Barthes uma vez me disse uma coisa que hoje acho que é verdadeira: que, à medida que os anos passavam, eu, Greimas, ia ficando cada vez menos artista e cada vez mais semiótico, semioticista. E que, com ele, Barthes, se dava o contrário: quanto mais passava o tempo, mais ia fazendo uma escrita mais artística do que semiótica, científica”. E o último livro que Barthes enviou ao Greimas – ele me mostrou naquela época –, tinha uma dedicatória que dizia justamente isto: “Perdoa o teu amigo que virou, perdeu o rumo de cientista”, qualquer coisa assim. “Perdoa o teu amigo”. Ele pedia desculpas. Era em *Fragmentos do discurso amoroso*.

M. L. V. P. D.: Ah! O melhor livro dele.

E. L.: É, mas já abandonou completamente a coisa, não é? E eu entendia os dois, porque gostava dos dois. Tanto que terminei esse último livro que vocês têm aí com o Barthes. Porque gostei muito dos dois. Porque gosto de Literatura e gosto de ciência.

M. L. V. P. D.: Porque o problema do Barthes é que ele nunca conseguiu ser realmente um teórico.

E. L.: Agora, quem é que tem a dimensão, hoje, carismática? Para dizer, em torno dele, tem três ou quatro pessoas fiéis, que vão realmente segui-lo, ouvi-lo, tocar para frente. Não tem mais ninguém. Na minha geração ainda teve, mas ainda que tivéssemos carisma no grupo, nenhum tinha o charme dele. Enfim, tínhamos alunos fiéis. Então conseguimos passar para uma geração a mais. Mas, e essa geração? Porque a nossa já se retirou...

| Referências

ALVES, C. *Navio negreiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1977].

GREIMAS, A. J. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1964].

FRANCO, F. de M. *Reino da estupidez*: poema. Paris: Na officina de A. Bobée, 1821.

GONZAGA, T. A. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1845].

- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Tradução de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966].
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].
- GREIMAS, A. J. Métaphore et isotopie. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, n. 3, p. 4-13, 1982.
- GREIMAS, A. J. *Du Sens II – Essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos*. Tradução de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993 [1976].
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et. al. São Paulo: Contexto, 2011 [1979].
- GUARINI, B. *Il pastor fido*. Ed. Ettore Bonora. Commento di Luigi Banfi. Milano: Mursia, 1977 [1886].
- LOPES, E. Interpretação do interpretante. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, n. 1, p. 43-59, 1974.
- LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LOPES, E. *Discurso, texto e significação: uma teoria de interpretante*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- LOPES, E. *A palavra e os dias*. Ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- LOPES, E. *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Unesp, 1997.
- LOPES, E.; CAÑIZAL, E. P. *O mito e sua expressão na literatura hispano-americana*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
- NIQUE, C. *Iniciação Metódica à Gramática Gerativa*. Tradução de Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977.
- PERRAULT, C. *O Pequeno Polegar*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004 [1697].
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021 [1916].

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. Translated by C. A. M. Baltaxe. Paris: Klincksieck, 1969.

Como citar este trabalho:

DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus. Entrevista com Edward Lopes. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 33-65, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i2.18648>.